



GLOBAL EDUCATION
LEADERS' PROGRAM
BRASIL

Laboratório de Aprendizagem 1_

Ambientes Inovadores de Aprendizagem
para Estudantes de Todas as Idades_

Telefônica

vivo

Fundação Telefônica



Innovation
Unit



LABORATÓRIO DE INOVAÇÃO
EDUCACIONAL

Uma metodologia para transformar o aprendizado nas escolas: Inovação e a Espiral de Questionamento_

Helen Timperley, Linda Kaser e Judy Halbert

Introdução

Dignidade, propósito, opções, curiosidade e responsabilidade social para cada jovem – para nós, essas são as marcas de uma escola transformadora. No entanto, a resposta para a pergunta sobre como nós podemos transformar nossas escolas é menos curta do que a sentença anterior.

Nesse artigo, nós propomos que é através de um método disciplinado de questionamento colaborativo, resultando em novos aprendizados e ações, que educadores, educandos, suas famílias e os membros da comunidade envolvida ganharão a confiança, as percepções, e a mentalidade necessária para desenhar novos e eficazes sistemas de aprendizagem. Esse processo transformará, de fato, essas escolas em ambientes mais inovadores de aprendizagem.

Nosso argumento central é que a inovação flutua em um mar de questionamento e a curiosidade é o motor da mudança. Criar as condições nas escolas e os cenários de aprendizagem onde a curiosidade é encorajada, desenvolvida e apoiada é essencial para abertura de novos pensamentos, mudanças de práticas e criação de abordagens mais inovadoras para ensino e aprendizagem.

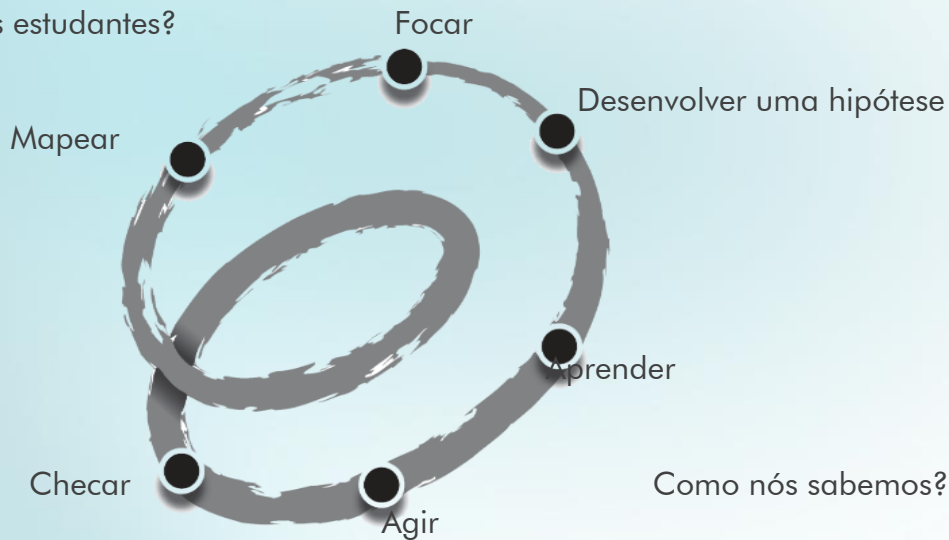
Existem algumas questões desafiadoras que precisam ser abordadas. Em nossos países, o desengajamento intelectual de muitos estudantes do ensino fundamental e médio é um desafio difícil. Preocupações acerca da falta de conexão com o meio ambiente e um sentimento de desconexão com a comunidade são questões sérias. Assegurar que todos os educandos alcancem altos níveis de competência em áreas centrais como alfabetização e matemática, enquanto fornecemos espaço para uma maior criatividade e imaginação, apresenta desafios em vários ambientes.

O que funciona em um contexto nem sempre funciona em outro. Existem quase sempre demandas concorrentes – criatividade ou habilidades básicas – algumas vezes colocadas como dicotomias quando elas são melhor integradas porque ambas são importantes. É por isso que nós estamos convidando educadores para se engajarem em um processo de questionamento sistemático e disciplinado que resulta em mudanças reais na prática e que ajuda a lidar com esses desafios.

Como a Espiral de Questionamento é diferente_

Vamos explorar através de suas fases interconectadas da Espiral do Questionamento, assim como suas questões chave associadas.

O que está acontecendo para os estudantes?



Como podemos ver, o processo é contínuo e com fases sobrepostas. O que cria coerência através das dimensões da espiral é o foco na busca por evidências moldado pelas duas perguntas mostradas na figura.

A primeira pergunta visa checar se o conhecimento sobre as experiências dos estudantes é que está direcionando o processo de questionamento. A segunda pergunta ajuda a embasá-lo nas evidências. Todos terão uma opinião acerca do que está acontecendo para os estudantes. O que é necessário é ter certeza que nós temos boas fontes de evidência para confirmar nossas opiniões.

Uma das importantes diferenças desta nova metodologia é o envolvimento dos estudantes, suas famílias e comunidades, sustentando e permeando cada uma das fases mostradas, do início e através de todo o processo. Isso requer uma mudança da postura do estudante para desenvolver sua atitude proativa, uma vez que os estudantes ajudam a identificar e tratar questões nos seus ambientes de aprendizagem.

Decidir o que está acontecendo para os estudantes sem as contribuições deles é uma falta de respeito e improvável de ser produtivo. A chave para fazer a espiral de questionamento funcionar é que todos aproximem-se da metodologia com uma mentalidade de curiosidade e questionamento genuíno em relação ao que está acontecendo para os estudantes e depois avançar a partir daí. É uma espiral contínua de questionamento, aprendizado e ação.

Nós também mostramos claramente que se engajar em um questionamento é um processo para desenvolver uma atitude profissional coletiva, seja dentro da escola ou através de um conjunto delas. É difícil para professores se questionarem individualmente. Nem os líderes podem decidir sozinhos qual deveria ser o foco dos seus questionamentos.

Outra diferença importante é que os processos que descrevemos em cada fase são fortemente embasados em conhecimentos emergentes das ciências do aprendizado, particularmente as que estão resumidas na publicação *The Nature of Learning (A Natureza do Aprendizado)* da OECD (Dumont et al, 2010). Este importante livro sintetiza as pesquisas recentes acerca do que é conhecido sobre aprendizagem em sete princípios que listamos abaixo.

Os 7 Princípios do Aprendizado

Educandos no centro

Natureza social do aprendizado

Emoções estão integrantes ao aprendizado

Reconhecer diferenças individuais

Exceder as habilidades de todos os estudantes

Avaliação para o aprendizado

Construir conexões horizontais

A Espiral de Questionamento em Ação

O método necessita que você suspenda as opiniões acerca de como consertar o que não está indo bem. Afinal, nós não podemos realizar maneiras mais efetivas de trabalho até termos um claro entendimento de cada situação.

Outras metodologias de aprendizado profissional baseiam-se em alguém introduzindo algo novo para os professores melhorarem sua prática. Esta não é uma maneira efetiva para mudar o ensino e as práticas de gestão. Você consegue aprender algumas dicas importantes, mas a maior parte das novas ideias são logo esquecidas.

A espiral de questionamento tem uma metodologia diferente. Ela ajuda a identificar o que está acontecendo para os estudantes e desenvolver algumas hipóteses sobre o que está levando a essa situação. Assim, você pode continuar construindo em cima do que já está bom e fazer mudanças no que precisa ser resolvido. Para fazer mudanças transformadoras para solucionar questões difíceis geralmente significa aprender novas maneiras de trabalhar. Felizmente, já existe muito conhecimento teórico sobre aprendizado, e as implicações para o ensino, que pode ser usado como referência para os contextos específicos de cada escola. Parte do processo de questionamento é contextualizar esse conhecimento para sua realidade.

Quando você faz experimentações nem tudo irá acontecer da forma como foi planejada. Checar continuamente o que está indo bem e o que não está é uma parte essencial do processo. Refazer o processo da espiral novamente para usar o que você aprendeu em uma

determinada situação e melhorar outras áreas irá aprofundar seu entendimento e conduzir mais rapidamente a práticas inovadoras.

Este processo necessita de altos níveis de motivação e energia. No mundo real, não é todo mundo que começa no processo como um time, nem com muito entusiasmo. No entanto, o importante é começar mesmo que que nem todos participem no início.

Nós descobrimos que se engajar em um processo que aborda desafios genuínos relacionados ao estudante constrói o compromisso necessário para todo o processo. Ao passo que eles participam em formas mais profundas de questionamento, o processo se torna central para suas vidas profissionais. Eles não conseguem voltar às antigas e inquestionáveis maneiras de realizar suas atividades.

Mapear é:

- Ter uma mentalidade questionadora e em busca de evidências;
- Ter uma perspectiva ampla sobre aprendizagem; e
- Procurar sobre o que está acontecendo para todos os estudantes através das perspectivas deles, suas famílias e comunidade.

Mapear não é:

- Procurar evidência que reforce o status quo;
- Focar nos aspectos do aprendizado acadêmico que são facilmente mensuráveis; ou
- Apenas acerca do que os profissionais pensam.

A fase de mapeamento nos ajuda a ser curioso acerca dos nossos estudantes e estar atento a todos os tipos de novas informações e ideias. É nesta fase do processo que se começa a criar a motivação e energia para engajar os participantes. Ela assegura um maior entendimento das experiências dos estudantes e ajuda a evitar os erros dos nossos próprios vieses, hipóteses, julgamentos e percepções. Esta fase embasa o processo para o aprendizado futuro e uma ação consciente.

É importante evitar restringi-la a áreas que já tem muitas evidências disponíveis. É preciso explorar o suficiente para que áreas como artes, atividade física, empatia, resiliência e aprendizado socioemocional não fiquem de fora. Na maior parte das escolas, informações acerca de resultados acadêmicos de matemática e português são facilmente encontrados. No entanto, precisamos ir além dos dados e entender o que esses números estão realmente dizendo.

A observação dos professores provê uma fonte valiosa de informação sobre os estudantes. Apenas olhar como os educandos interagem nos ambientes de aprendizagem, como eles participam em uma atividade lúdica ou como resolvem desafios juntos pode nos dizer muito sobre o envolvimento emocional de cada um, seu perfil físico e até sua resiliência.

Algumas escolas canadenses estão fazendo levantamentos com seus estudantes para ter uma visão geral do engajamento social, intelectual e emocional (Schonert-Reichl, et al, 2010). Escolas de ensino médio em uma cidade foram surpreendidos ao descobrir que enquanto seus estudantes iam razoavelmente bem nos indicadores acadêmicos, vários deles reportavam que estavam aprendendo assuntos desinteressantes e com baixa relevância.

Nós também queremos pautar essa fase do processo de questionamento em pesquisas atuais das ciências do aprendizado. Nós precisamos checar o quanto as experiências dos jovens nas nossas escolas estão refletindo no que já é conhecido sobre aprendizado.

Mapear requer que nós olhemos para as experiências dos estudantes na escola como um todo, bem como em aulas individuais ou outros ambientes de aprendizagem.

A menos que nós gastemos o tempo suficiente nesta fase de mapeamento para ter uma noção real do que está acontecendo para os nossos estudantes, nós podemos desconsiderar partes importantes da aprendizagem. Por outro lado, é possível despende muito tempo nesta parte e isso pode resultar em pessoas entediadas. Descobrir o equilíbrio é a chave desta etapa.

Desafios acerca dessa fase e como melhorá-la:

- Durante a primeira vez utilizando a espiral de questionamento, mapear pode levar cerca de dois meses. Após o processo já estabelecido, ela acontecerá naturalmente ao longo do ano.
- Nossa experiência tem mostrado que os estudantes estarão dispostos a falar o que funciona melhor para eles, se eles acreditarem que serão ouvidos com respeito.

Focar é:

- Usar informação da fase anterior para identificar uma área para concentrar o aprendizado e a ação;
- Geralmente, requer a coleta de mais informação para assegurar o entendimento preciso da situação;
- Construir forças e ter mais clareza dos desafios; e
- Identificar uma área comum para que todas as pessoas possam contribuir.

Focar não é:

- A fase para introduzir áreas completamente desconectadas do processo de mapeamento;
- Assumir que tudo já foi descoberto e não precisa de mais questionamento;
- Apenas resolver problemas e desafios; ou
- Todo mundo escolhendo sua própria área de interesse.

Nesta fase, é preciso evitar a tentação de ir resolvendo os problemas que apareceram na fase de mapeamento. Esse é o momento para ter paciência e desenvolver um entendimento mais profundo acerca do que vale a pena gastar tempo.

O ideal é focar em áreas que tenham maior impacto em tratar de questões importantes e, ao mesmo tempo, assegurar que a direção escolhida é factível de ser realizada. Isso significa selecionar não mais do que uma ou duas áreas para não ficar sobrecarregado com múltiplas demandas e acabar não mudando nada.

É importante ficar atento a algumas áreas que podem em um primeiro momento parecer separadas, mas que poderiam ser reforçadas se combinadas. Por exemplo, na fase de mapeamento foi identificado que muitos estudantes estavam fracos em se expressar nos seus textos e também estavam desconectados dos mais velhos da sua comunidade. A escola decidiu focar tanto na escrita quando na conexão com a comunidade, e lidar com dois dos princípios chave do aprendizado simultaneamente.

Nesta fase também é necessário já pensar na fase de checar o processo. Precisamos checar o que será suficiente ser feito, onde queremos chegar e como isso será avaliado.

Desafios acerca dessa fase e como melhorá-la:

- Mediar os conflitos do que deve ser o foco da escola e o que será guardado para um próximo momento é uma tarefa difícil. Quando o foco está disperso, energias e oportunidades para aprendizado coletivo são limitadas. A solução é desenvolver um compromisso com um problema que faça a maior diferença para os estudantes e de grande valor para todos, ou o mais próximo da maioria. Isso cria um sentimento de responsabilidade coletiva.

Desenvolver uma hipótese é:

- Expor todas as crenças sobre as nossas práticas;
- Realizar práticas que possamos fazer algo para melhorá-las; e
- Checar se nossas suposições estão corretas antes de continuar o processo.

Desenvolver uma hipótese não é:

- Uma tempestade de ideias de todas as possibilidades;
- Ficar obcecado com diversas questões que nós temos pouca influência; ou
- Desabafar sobre o passado ou reclamar sobre o presente.

As fases da espiral de questionamento não são sequencialmente rígidas. As evidências descobertas em uma fase ajudam a próxima. Algumas vezes, novas informações nos levam de volta ao início de processo. Em particular, hipóteses sobre o que pode estar conduzindo a que sempre ocorrem. (Jonhson, 2010). Nossa intuição e nossas hipóteses, combinadas com evidências significativas, dão subsídios para a fase de mapeamento e orientam qual será o

foco. Nessa fase, passamos por hipóteses individuais que nos ajudam a desenvolver um entendimento coletivo delas.

Essas hipóteses não precisam estar embasadas. Elas podem estar 100% certas ou erradas. Elas estão embasadas em nossa intuição e frequentemente guiam nosso próprio comportamento. O importante é que nós possamos expor nossas hipóteses para testá-las e procurar evidências que possam comprovar sua utilidade.

Necessita-se de coragem para expor nossas hipóteses, pois às vezes podem ser as nossas rotinas e estruturas bem estabelecidas que estão contribuindo para a situação atual dos nossos estudantes. Não apenas ter confiança para expor, mas também para ouvir as opiniões de todos acerca do que disse. Para isso, precisa-se criar um ambiente onde é seguro questionar nossos próprios comportamentos e crenças.

Desafios acerca dessa fase e como melhorá-la:

- Normalmente, as pessoas acreditam de forma passional que suas hipóteses são verdades, quando são apenas percepções da causa raiz. Essas hipóteses costumam estar relacionadas com outras pessoas, ao invés de nós mesmos. Não adianta ignorar essa atitude porque ela surge em qualquer oportunidade. Requer persistência para mudar o foco dos outros para nós.
- Quando se tem crenças arraigadas sobre outras pessoas, é importante tratar essas convicções com respeito, testá-las de alguma maneira e depois analisar suas implicações em nosso próprio comportamento.

Construir um novo aprendizado é:

- Estar motivado e conectado para mudar as experiências de aprendizado dos estudantes;
- Estar diretamente relacionado com o foco identificado na fase anterior da espiral;
- Entender o porquê novas maneiras são melhores que as antigas; e
- Estar apoiado e sustentado ao longo do tempo.

Construir novos aprendizado não é:

- O que os outros pensam que poderia ser útil – ou que já está disponível;
- Estar desconectado do contexto da escola;
- Apenas um conjunto de estratégias, sem um entendimento aprofundado do propósito; ou
- Algo de curta duração ou rápidos ajustes.

Todas as fases da espiral envolvem aprendizado. Essa fase é só para destacar que após desenvolver sua hipótese, é o momento de ter um aprendizado profissional sério sobre como e onde poderá aprender mais para realizar as mudanças. Esta fase é muito importante porque melhores resultados para os estudantes são o resultado de professores e líderes adquirindo novos conhecimento e desenvolvendo novas habilidades para conduzir novas ações.

Sabemos de pesquisas acadêmicas sobre a relação entre o aprendizado profissional e o impacto nos resultados dos estudantes (Timperley et al, 2007) que o aprendizado dos professores precisa estar conectado com as necessidades dos educandos que foram identificadas a priori.

Além disso, muitas vezes as decisões de mudanças nas escolas acerca de o que e como os professores devem aprender são tomadas por pessoas desconectadas delas. Se os educadores ficam fora do processo de tomada de decisão e análise, isso deixa de criar o engajamento, compromisso e identidade necessários, tornando muitos deles resistentes ao processo. Com a espiral de questionamento, os professores são diretamente engajados em uma análise colaborativa acerca do que está acontecendo com seus estudantes em seus próprios contextos e isso ajuda a aumentar a motivação para novos aprendizados. Com novos aprendizados vêm novas ações e práticas inovadoras começam a se multiplicar.

Desafios acerca dessa fase e como melhorá-la:

- O principal desafio é decidir o que e como aprender. Os educadores estudam o conhecimento atual e expertise em sua área de foco para embasar seu aprendizado para uma ação futura. Vale lembrar que todo esse conhecimento precisa ser relevante para o nosso contexto específico. Por exemplo, saber o impacto das avaliações no aprendizado é importante, mas a menos que tenhamos desenvolvido coletivamente uma expertise em organizar intenções claras de aprendizado, e entregar um feedback efetivo, nós não conseguiremos ajudar os estudantes a desenvolver um entendimento profundo acerca de onde estão indo com seu aprendizado e como chegar onde querem.
- É importante saber a complexidade e a relevância de cada metodologia aprendida para evitar o risco de uma implementação superficial e não eficaz.

- Evitar se ater ao que é conveniente, rapidamente disponível e popular.

- Precisa-se criar mais tempo livre para que todos possam se engajar profundamente em novos aprendizados de ensino e gestão. Não pode ser um aprendizado rápido que nunca funciona na vida real. Essa fase é um processo de exploração do porquê uma nova estratégia pode funcionar e conseguir testá-la, revisá-la com outros e modificá-la para tentar novamente.

- Construir novos aprendizados requer, no mínimo, um ano de um esforço colaborativo focado em fazer a diferença. Geralmente, dois anos é ainda melhor e com três anos é possível estabelecer um movimento em direção a um ambiente transformador de aprendizagem.

- Para desenvolver um aprendizado eficaz necessitamos identificar qual é a expertise necessária para ajudar todos a ganharem novos conhecimentos e aprofundarem suas habilidades. Não adianta apenas separar um tempo para estudo. A expertise necessária pode ser encontrada dentro da própria escola, na cidade ou on-line. Um conselho é evitar soluções prontas de aprendizado profissional. Embora algumas possam ser úteis, outras tratam o

professor como tecnicistas que irão ser introduzidos a um novo conjunto de estratégias para implementá-las. Essas soluções ignoram as primeiras fases da espiral, a complexidade do ensino e da gestão e a importância de ser responsivo às necessidades individuais de aprendizado dos estudantes.

Agir é:

- Aprender mais profundamente sobre novas maneiras de fazer as coisas;
- Fundamentar decisões através de um entendimento do porquê novas práticas são mais efetivas do que outras;
- Avaliar o impacto nos estudantes; e
- Reconhecer sentimentos de vulnerabilidade e construir condições de confiança.

Agir não é:

- Apenas implementar algumas novas estratégias;
- Tentar ideias inovadoras apenas porque elas parecem instigantes;
- Fazer algo diferente e deixar de monitorar os efeitos nos educandos; ou
- Assumir que todos estão bem com a mudança.

Para as experiências dos estudantes mudarem, algo precisa mudar nos ambientes de aprendizagem. Esta é a fase de não apenas realizar qualquer ação, mas realizar mudanças que causem uma diferença significativa. É o momento para pegar todas as ideias que foram fundamentadas nas fases anteriores da espiral e colocar em prática. No entanto, é mais do que implementar estratégias. Precisa-se ter em mente que tomando decisões, nós estamos aprofundando nosso aprendizado.

Nessa fase, nós tentamos realizar uma ação, refletimos como ocorreu, pedimos ajuda para que outros tenham ideias mais profundas e tentamos novamente. Sabemos que vários professores já tentam novas ações frequentemente em suas salas de aula. Isso é adequado quando são atitudes mais simples e diretas, mas para situações mais complexas precisa-se do pensamento coletivo para esmiuçar melhor o problema. Se não fazemos isso, podemos cair em um ciclo improdutivo de experimentação, desilusão e abandono que pode ou não resultar em algo.

Desafios acerca dessa fase e como melhorá-la:

- Todos precisam saber que existem oportunidades de aprender uns com os outros, ajudar quando encontrarem situações difíceis e celebrar os resultados. Isso significa criar oportunidades para diálogo, observação, reflexão e para duas, três ou quatro tentativas sem medo de serem julgados ou falharem.
- Já que uma parte sobre agir é construir novos aprendizados, precisamos executar assim que sabemos o suficiente para tentar algo novo, mesmo entendendo que temos muito a aprender. Se mudanças não ocorrerem em ações concretas em duas ou três semanas, elas não

acontecerão mais. Criar oportunidades para relatar o que aconteceu para cada um ajuda a ver que o processo está fluindo e cria responsabilidade e compromisso coletivo.

- Não se pode confiar apenas em relatórios individuais. Eles podem refletir intenções ao invés da realidade. Para responder corretamente às duas questões chave da espiral de questionamento (" Como nós sabemos? " e " O que está acontecendo para os nossos estudantes? "), a resposta necessita de uma apresentação da prática via vídeo, observações, etc.

- Expor a sua prática é algo pouco confortável para qualquer professor. Por isso, é importante que cada professor tenha controle sobre as observações e veja um propósito claro para os estudantes. Além disso, esse processo precisa ser livre de intenções de supervisão do trabalho. Isso pode inibir a abertura e confiança necessárias para o aprendizado.

- O tema da vulnerabilidade e de aceitar os riscos perpassa todos os aspectos nessa fase. É altamente provável que as ações tenham paradas e recomeços. É preciso que achemos maneiras de tornar os riscos menos intimidadores. Um exemplo interessante foi um diretor que se voluntariou pedindo permissão para que fosse o primeiro a tentar novas estratégias e procurar o feedback dos professores. Eles tiveram um grande respeito por esse diretor que conseguiu construir confiança e apoio para a aprendizagem dos professores.

- Alguns alunos também de sentem coagidos com mudanças e podem ficar resistentes a elas. Em geral, são aqueles que já estão indo bem com a metodologia tradicional. Eles podem mobilizar de forma negativa os parentes e a própria comunidade, deixando os professores ansiosos e, sem suporte, poderão voltar atrás em suas práticas. No entanto, a nossa experiência mostra repetidas vezes que quando persistimos em implementar novas e sólidas práticas de aprendizado, os estudantes resistentes se tornam eventualmente os que mais apreciam as mudanças à medida que vão desenvolvendo novas perspectivas de si mesmos. É por isso que incluir e engajar a família ao longo de todo o processo de questionamento reduz a ansiedade e constrói o entendimento certo do que se espera. É melhor se comunicar diretamente com a família do que esperar as reações negativas dos estudantes e pais que foram excluídos do processo.

Checar é:

- Fundamental para uma mentalidade de questionamento baseada em evidências;
- Ter altas expectativas que nossas ações vão fazer a diferença para todos os educandos;
- Prover informações acerca do impacto de nossas ações; e
- Começar a organizar o ambiente para o que vem pela frente.

Checar não é:

- Apenas uma rotina para seguir até o final;
- Fazer uma certa diferença para alguns educandos;

- Fazer julgamentos sobre a capacidade dos estudantes; ou
- Justificar nossas ações.

O maior propósito da espiral de questionamento é fazer a diferença no ambiente de aprendizagem para os estudantes e valorizar seus resultados. A pergunta nessa fase é “Temos feito o bastante? ”

As inovações que estamos falando nesse artigo são complexas e é comum nossos maiores esforços gerarem diferentes resultados. Apenas com uma checagem cuidadosa que nós poderemos decidir se temos feito o bastante. Isso irá nos informar quais serão os próximos passos.

Para saber como definir o que é o bastante, precisamos voltar às fases anteriores da espiral e buscar as fontes de evidências para ver quais ganhos que estamos fazendo para nossos estudantes.

Checar não precisa ser algo formal ou em um período específico. Ao longo da espiral sempre fazemos as suas duas perguntas chaves (“como nós sabemos? ” e “O que está acontecendo para os nossos estudantes? ”) e isso já é uma forma de checagem. Essa fase é só um momento para que coletivamente possamos verificar se estamos fazendo a diferença como um time. Muitos educadores já fazem a diferença, mas isso não significa que conseguimos proporcionar essa mudança como um todo. Além disso, há muito para ser feito para que todo educando possa sair do sistema básico de ensino com dignidade, propósito e opções.

A importância da confiança é um tema recorrente em cada fase anterior da espiral e não poderia ser diferente aqui. É essencial lembrar que se nós não tivermos os resultados que nós esperamos inicialmente, existe sempre algo para aprender com as mudanças que fizemos. A espiral é modelada para construir curiosidade profissional e fortalecer uma mentalidade questionadora. Não existe espaço para culpa, vergonha e má fama.

Vale ressaltar a relevância de celebrar o que temos aprendido, reconhecer os ganhos obtidos, questionar o porquê que algumas abordagens são melhores do que outras e continuar aberto a novas possibilidades.

Desafios acerca dessa fase e como melhorá-la:

- Garantir a checagem de mudanças no tempo certo é desafiador. Isso depende do contexto e do escopo das mudanças realizadas. Precisamos permitir tempo suficiente para nosso aprendizado e ação fazerem a diferença, mas não podemos demorar tanto com mudanças que não estão funcionando. Um período escolar (bimestre, trimestre ou semestre) pode ser um bom começo e depois fazer os ajustes a partir daí. Se deixarmos para checar no final do ano, será mais difícil fazer algo produtivo sobre as questões que forem identificadas.

- Nós precisamos continuar envolvendo estudantes e suas famílias no processo de checagem se queremos ter uma visão completa do impacto que estamos gerando. Observações de profissionais e percepções são uma parte importante, mas não nos contam tudo.

- Por fim, precisamos descobrir qual evidência irá determinar se nossas ações foram o bastante ou não. Na fase de mapear e focar é importante estar claro qual evidência iremos usar durante a checagem e nos assegurarmos de usá-la.

Para onde seguir?

Conforme grupos de educadores trabalham com a metodologia da espiral de questionamento, seus sucessos com pequenas mudanças criam a confiança para desenhar e implementar mudanças mais radicais. É assim que uma transformação começa.

O modelo de questionamento foi desenhado como uma espiral para indicar que um questionamento conduz ao próximo. A noção do mar de perguntas refere-se à possibilidade de ideias e práticas sempre surgirem. Nós reexaminamos, focamos novamente e continuamos a viagem de aprendizagem e mudança. Uma vez que os educadores, estudantes e suas famílias experimentam o poder dos questionamentos para mudar seu ambiente de aprendizado e tornam a educação uma experiência recompensadora, eles não conseguem parar. Investigar não é um “projeto”, uma “iniciativa” ou uma “inovação”, mas sim uma maneira profissional de ser.

A maior parte do que apresentamos aqui neste artigo são mudanças relativamente pequenas, para ilustrar como as escolas podem começar sua jornada de transformação. Em muitas escolas, por exemplo, aprender como criar atitude proativa nos estudantes através de avaliação formativa pode ser transformador para aqueles que pensavam anteriormente que seu principal trabalho era desenvolver o currículo.

A experiência inicial com o questionamento colaborativo subsidia a próxima etapa de pensamento e ação.

Considerações finais

Nós estamos bastante comprometidos em transformar as escolas de hoje com ligações fortes com a comunidade e alto engajamento intelectual.

Uma metodologia de questionamento na Nova Zelândia resultou em ganhos significativos na alfabetização. Neste projeto, facilitadores externos trabalharam com líderes e professores através de múltiplos ciclos de questionamento em 300 escolas durante dois anos. Através dessa iniciativa, educadores aprofundaram seu entendimento de práticas de avaliação e como usá-las para o aprendizado dos estudantes. Eles melhoraram seu conhecimento de como os textos funcionam e como usar esse aprendizado nos programas de alfabetização.

Mais do que isso, eles aprenderam como ser mais sensíveis aos seus estudantes checando constantemente: “Eles entenderam o que eu estou ensinando? ”

Todos os estudantes mostraram aumento em seus resultados de alfabetização; a taxa de evolução para os educandos que estavam inicialmente entre os 20% com menores resultados foi ainda maior. O progresso foi três vezes maior do que o que costumava ser em leitura e seis vezes maior do que costumava ser em escrita. Escolas que continuaram usando o processo de questionamento, depois da facilitação externa ter acabado, também mantiveram esses ganhos para novos grupos de estudantes ou aumentaram ainda mais. (Timperley, Parr and Meissel, 2010).

Vários países, cidades e regiões estão tentando diversas abordagens para os diferentes desafios de transformação, frequentemente dentro de sistemas altamente complexos. A espiral de questionamento oferece um modelo mental que é sistemático, mas não simplista. Ele funciona com complexidade, mas evita o caos ao fornecer um senso de coerência.

Usar a metodologia da espiral de questionamento tem criado uma maior equidade de resultados, aumento da qualidade do aprendizado e maior coerência, ambos dentro e através de amplos conjuntos de escolas. Educadores indígenas e não-indígenas têm descoberto que a espiral funciona respeitando suas compreensões culturais. Nossa análise de escola e resultados de sistema nos fazem confiantes para usar a metodologia de questionamento em todos os níveis.

Nós queremos encorajá-lo a também começar o seu envolvimento em uma mudança guiada pela curiosidade. Nós pensamos que uma habilidade chave para os jovens hoje é o desenvolvimento da curiosidade.

Realização

